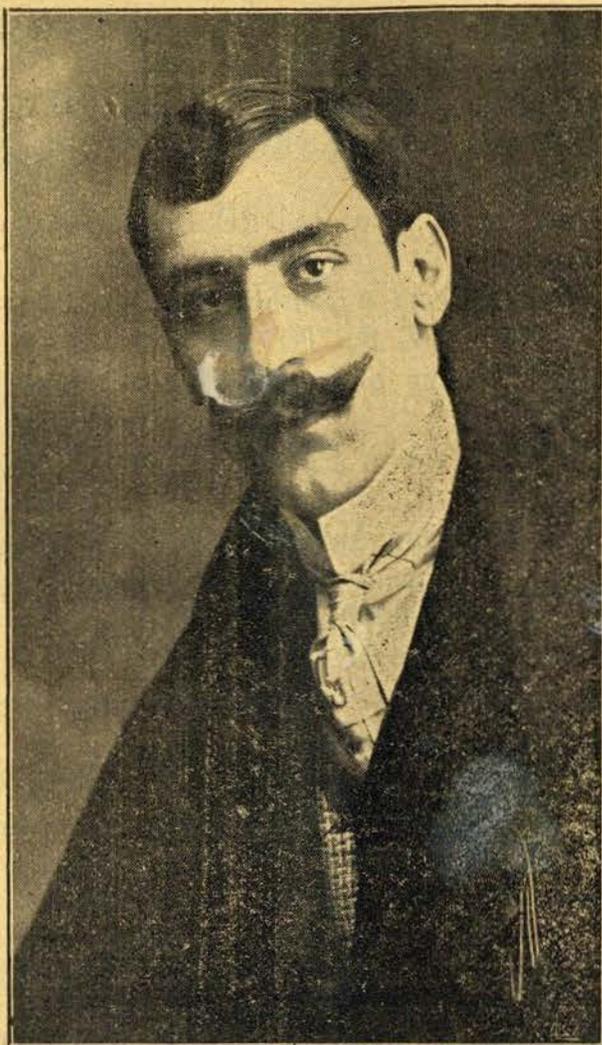


Tattorio Tives
A Entrevista

Sem santo nem senha

FOR **JOAQUIM LEITÃO**



DR. LUIZ TELLES DE VASCONCELLOS

Prezo duas vezes, após a Primeira e a Segunda Ineusão monarchicas, e que, depois de atirado de cadeia em cadeia se evadiu do presidio de S. Barnabé, em Braga.

N.º 14 — Numero avulso 60 reis — 18 - II - 1914

Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

Todos os direitos de reproducção reservados

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

- Numero 1.** — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO.
Numero 2. — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.
Numero 3. — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE.
Numero 4. — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.
Numero 5. — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA.
Numero 6. — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde.
Numero 7. — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos.
Numero 8. — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA.
Numero 9. — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.
Numero 10. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE).
Numero 11. — Entrevista com MARIOTTE — As accusações do sr. João de Freitas e os ultimos parlamentos monarchicos — Porque devemos ser monarchicos — Exposição da doutrina monarchica.
Numero 12. — Entrevista com JOAQUIM OEIRAS — A cobardia dos grandes e a coragem dos pequenos — O 26 de Janeiro e o Sr. Affonso Costa — Historia d'uma evasão do presidio d'Elvas.
Numero 13. — Entrevista com o CAPITÃO-TENENTE DA ARMADA BRAZILEIRA SR. AMERICO PIMENTEL — Commemorando a Retirada do Sr. Bernardino Machado — A Republica Portugueza e a Republica Brazileira.

A ENTREVISTA occupa-se exclusivamente de assumptos portuguezes.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica, collaborada pelos principaes escriptores portuguezes. Reproduz em formosas e numerosas gravuras os factos mais importantes do paiz e do estrangeiro.

Assignatura annual, 2\$400 — Semestre, 1\$200 — Avulso, 60 reis

Pedidos ao proprietario Joaquim Antonio Pereira Villela, R. Martyres da Republica - Braga



Prof. G. C. ...

... ..

... ..

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 14

18-2-1914

A AMNISTIA NÃO BASTA

Revelação das torturas praticadas pelo sr. Rodrigo Rodrigues, n'um prêso confiado á sua guarda — E' preciso cassar a carta de medico ao sr. Rodrigo Rodrigues e leval-o aos tribunaes communs — Se não ha plena liberdade para o alto exercicio da magistratura, a consciencia publica que castigue esse homem-féra — O caso «Thalamas» em França — Se a amnistia não tiver essa logica conclusão, a paz não surgirá nem momentaneamente, o odio ficará empoçado.

Tinhamos já escripto para este numero a entrevista que constitue a segunda parte do assumpto apresentado ao nosso 13, sob o titulo *A Republica Portuguesa e a Republica Brasileira*, quando uma negra revelação revoltou todo o nosso ser. E' a mais indignante, a mais espantosa de todas as crueldades commettidas em Portugal na sombra traiçoeira das cadeias.

Puzémos de parte o assumpto marcado, que não perde por ficar para o numero seguinte, e resolvemos dedicar o presente numero á revelação d'esse attentado a todos os direitos e a todos os sentimentos da alma hu-

mana, acompanhando-a de uma entrevista com um preso.

O facto conta-se em duas palavras, e, sem dispensar que mais tarde se pormenorise, sobretudo perante os tribunaes, por agora basta narrar-se na sua synthese macábra: José Augusto da Silva, prêso 425 da Penitenciaria de Lisboa, foi insultado e mettido n'uma camisa de forças pelo sr. Rodrigo Rodrigues, medico e director da Penitenciaria. Durante um mez teve de comer como os cães, deitando-se no chão ao lado da tigella da comida. Se queria beber agua tinha de afastar com a cabeça a torneira da agua. Quando lhe tiraram

a camisa de força, das partes do corpo onde lhe passavam as correias sahia-lhe pús.

O sr. Rodrigo Rodrigues é um medico.

E' preciso que as auctoridades o suspendam desde já de toda e qualquer funcção que exerça; que emquanto não é julgado seja prohibido de exercer clinica, se é que a exerce, e de apresentar-se em qualquer parte onde tenha de evocar esse titulo; se é deputado ou senador, que os proprios collegas o convidem a esperar a resolução dos tribunaes communs; e que uma commissão de todos os homens de bem, de todos os homens de honra, sem distincção de cathogorias nem de côres politicas se organise para dar a José Augusto da Silva os meios de chamar aos tribunaes esse homem-féra que a politica pôz a dirigir a Penitenciaria e que os tribunaes criminaes teem de recambiar para lá como revoltante prêso commum.

A amnistia não basta!

A amnistia é insufficiente, perante ferocidades vesanicas como a que praticou o sr. Rodrigo Rodrigues.

Aos mesmos jornaes que teem feito a propaganda da amnistia: o *Intransigente*, a *Vanguarda*, a *Republica* compete abrir desde já subscrições para sustentar esse pleito nos tribunaes communs.

Aberta uma subscrição para esse fim ninguem deixará de concorrer.

E uma vez arrastado aos tribunaes communs o sr. Rodrigo Rodrigues por um crime que deshonra o homem e condemna para sempre o funcionario, crime que não é menos repugnante do que o de satyro,—se n'este paiz a magistratura fôr coacta por um bando politiquero influente, a consciencia publica que se substitua á magistratura na sua inclemente e justiceira sentença.

Teem em França um caso que lhes

serve para ser seguido —o caso Thalamas.

Thalamas era um professor de historia n'um dos Lyceus de Paris; um dia marcou para ponto escripto Joanne d'Arc; houve um dos alumnos que encarou Joanne d'Arc sob o ponto de vista religioso; Thalamas disse que aquillo não era critica historica e insultou Joanne d'Arc. Os estudantes patearam-o, quando ouviram o professor insultar a heroína nacional. Ha 3 annos, já ninguem fallava em Thalamas, appareceu elle a fazer um curso livre de historia, na Sorbonne.

Os *Camelots du roi* levantaram a campanha. Encheram a sala da Sorbonne, e a primeira, segunda, terceira tentativa de Thalamas foi suffocada. A Sorbonne e todo o Bairro Latino foi cercado de tropa para o prof. Thalamas poder emfim inaugurar o seu curso. Pois quando elle entrou na sala para falar, já lá estavam os *Camelots du roi* que o atiraram á rua, e em vez d'elle fizeram n'uma prelecção o elogio de Joanne d'Arc.

Thalamas não pôde levantar a voz: a licença para o seu curso foi retirada pelo Governo.

Se os tribunaes não condemnarem esse doido máu, que a consciencia publica o condemne.

Mas antes de nos convenceremos de que já não ha juizes em Lisboa é preciso tentar.

E' preciso ir á primeira, á segunda estancia, ao Supremo Tribunal, e pedir o internamento n'uma casa de alienados ou na Penitenciaria;

E' preciso que esse malfazejo e baixo criminoso nunca mais possa exercer uma funcção publica, a mais humilde;

E' preciso que a sua carta de medico lhe seja cassada;

E' preciso que em Portugal não torne a ser possivel a reproducção d'uma ferocidade identica.

O que os *camelots du roi* fizeram em França para um caso moral e intellectual, é indispensavel que em Portugal para este caso bem mais grave, o façam aquelles 40.000 homens que acompanharam o sr. Machado Santos a Belem.

Senão, a ferocidade, a malvadez do sr. Rodrigo Rodrigues que o deshonorou já a elle, deshonorará o paiz inteiro.

Ao sr. Pedro Muralha, ao sr. Machado Santos, e ao sr. Antonio José d'Almeida, que dispõem de trez jornaes diarios, entregamos esse criminoso de baixa esphera.

Sem a condemnação, e a exautoração pessoal d'essa féra, a amnistia provar-se-ha que foi apenas um instrumento politico na mão d'alguns homens que entreviram, na espessura do sectarismo demagogico, o sentimento nacional, e o exploraram.

A amnistia, sem a sua conclusão logica, que é o castigo juridico das auctoridades que não exerceram a sua função mas o seu odio e os seus negros instinctos de alienados, seria

um recurso para fazer esquecer todos esses crimes.

Mas, não! Portugal póde não ter um exercito, póde não ter parlamento, póde não ter um governo decente, póde não ter ordem nem nos espiritos nem nas ruas, póde não ter liberdade, mas eu não creio, eu não quero crer, nem convencer-me de que no meu paiz já não ha uns restos de vergonha e de respeito que permittam ter-se a noção de que a revelação que aqui fazemos para não deshonorar o paiz, é preciso que fique apenas deshonorando o criminoso.

E para isso é preciso que a deshonorra do sr. Rodrigo Rodrigues conste da sentença de um tribunal commum.¹

¹ A *Vanguarda* de 12 do corrente occupa-se já nobremente d'este sensacional caso que está apaixonando a opinião publica. O auctor d'*A Entrevista*, porém, não tinha ainda conhecimento d'esse numero da *Vanguarda* á data de nos enviar o seu original. Mas vê-se que conhecia bem os sentimentos do sr. Pedro Muralha quando para esses sentimentos appellava n'este numero.

O Editor.

EXCERPTO DAS MEMORIAS D'UM PRISIONEIRO MONARCHICO

ENTREVISTA

COM O

Dr. Luiz Telles de Vasconcellos

Duas vezes prêso — Percorrendo nove cadeias, algumas d'ellas duas vezes — Uma enxovia horrorosa — Na Trafaria: — despedida commovente d'um tuberculoso que, ao sentir-se morrer, quer confessar-se — Manifestação macabra ao cadaver do tenente d'armada Alberto Soares, morto em Lisboa — Narrativa d'alguns horrores dos carceres — A fuga do presidio de S. Barnabé — Illusões e enthusiasmos — Desilludido.

Luiz Telles de Vasconcellos, um dos filhos do fallecido ministro da Justiça e Par do Reino, Telles de Vasconcellos, é um rapaz novo, alto, elegante e moreno, que depois de ter sido arrastado — pelo odio á influencia politica que os Telles tinham e teem no districto da Guarda —, por cadeias e presidios do paiz, se encontra hoje no exilio.

A Universidade bacharelou-o em Direito, chegando a exercer a advocacia em Lisboa.

No exilio tirou as luvas, despiu a sobrecasaca, vestiu uma blusa de ganga e, depois de ter praticado nas usinas madrilenas e adquirido a sua carta de mechanico, está hoje á testa d'uma importante *garage*, entregue

corajosamente a uma carreira pratica, batendo-se com galharda e nobre simplicidade na lucta pela vida. As suas actuaes occupações, para as quaes se ergue ás sete da manhã, já com difficuldade lhe permittiram distrahir o tempo d'esta entrevista. Depois de marcada e addiada, por vezes, a sua palavra de fidalgo cumpriu emfim, e tão depressa pôde, a gentilissima promessa.

**Depois da primeira incur-
são monarchica.**

— Tenho pena de não lhe poder reproduzir de memoria tudo quanto observei e registei atravez a minha peregrinação por nove cadeias do paiz,

algumas das quaes visitei duas vezes—, começa por dizer o dr. Luiz Telles de Vasconcellos—Tudo isso eu tenho archivado, em mais de mil paginas de apontamentos, entre as quaes ha notas edificantes sobre a degradação moral do nosso paiz, sob o actual regimen, e do que passaram aquelles que cahiram nas garras republicanas.

— Não faz mal. Contento-me com um excerpto das suas memorias de presoneiro politico.

— O que quizer: em resumo, o que me lembrar.

Fui preso... a data em que se é preso e em que se sahe da cadeia são numeros que o homem não esquece! fui preso a primeira vez em Vizeu, em 17 de outubro de 1911, á requisição do governador civil da Guarda, e por um irmão adhesivissimo prestimoso, que era ao tempo administrador de Sabugal.

— Porque?

— Pseudo-intenção de levantar o concelho n'um dado momento, e proclamar a Monarchia. Isto era o pretexto; as intenções eram manifestamente cutras. O governador, Irmão & C.^a, sociedade sem responsabilidade, pretendiam, prendendo-me, pôr em cheque a influencia que a mim e a meus irmãos nos legára meu pae. Em Vizeu, á frente de cujo districto estava o dr. Sobrinho, fui attentiosamente tratado, e dois dias depois era requisitado da Guarda, para onde fui. Uma vez lá, o governador civil da Guarda declarou aos agentes que me foram entregar e cobrar o recibo da minha pessoa! *O gajo vae lá para baixo.*

— O que queria dizer com isso esse chefe do districto que se exprime em calão?

— O *gajo* era eu, e o *lá para baixo* era a esquadra onde fiquei incommunicavel e com guarda á vista. Fui re-

vistado, apalpado, etc., etc., e não calcula a furia com que se precipitaram sobre um desenho das armas dos Malafaias que eu levava para mandar abrir em talha, quando chegasse a Lisboa. Aquella corôa sobre os quatro escudos era como o trapo d'um *spada* para um boi! Que trabalho para explicar que a corôa fazia parte d'aquellas armas. Ensinar heraldica a republicanos, é mais difficil do que ensinar pretos a não andarem nús. Emfim, apprehenderam o desenho e os jornaes annunciaram retumbantemente «que, ao que parece, lhe tinham sido apprehendidos documentos de grande importancia».

**O regalorio dos villões —
Prêsos dados em pasto á
turba da demagogia profissional.**

— Durou muito essa guarda de honra na esquadra?

— Não, porque dois dias depois era mandado para o Sabugal, que dista 30 kilometros, com a faculdade de ou pagar um carro para mim, commissario de policia e um cabo, ou seguir pela via ordinaria, isto é, a pé aquellas seis leguas. Lá paguei o carro, e lá fui entre o commissario e o cabo até á porta da administração do concelho do Sabugal. D'alli, fizeram-me ir a pé até á cadeia, para que quatro garotos e os dois cornêtas do destacamento militar que alli estava ganhassem os promettidos vintens (tres vintens por cabeça) dando morras aos Telles, aos traidores e aos thalassas. A unica impressão que tive, póde crer, foi de compaixão e de dó. Sentia-me tão alto quando os olhava e os via baixar a vista, conscios da sua pequenez e cobardia! Metteram-me n'uma enxovia para onde se entrava por um alçapão, e tive de descer lá para baixo por uma escada de mão que foi

çada mal puz os pés no lagêdo do infecto buraco. Era um antro, quasi uma fossa. Das paredes escorria uma agua esverdeada e um buraco feito n'uma d'ellas servia de retrete; por outra parede passava o cano de exgoto das servidões das outras prisões superiores, que se tinha arrombado e espalhava por toda ella detrictos pestíferos. Ao fundo, uma larga tarimba, uma enxerga velha, e dois cobertores ratados e cheios de piólhos e pulgame. Depois, lá consentiram que uns amigos me descessem uma cama e um colchão. Conseguí que me descessem pelo alçapão um kilo de chlo-rêto e varias caixas de pós de Keating, e assim pude resistir. Todas as manhãs e todas as tardes, se abria o pesado alçapão e via baixar suspensos de um cordel o almoço e o jantar. Allí estive 17 dias, até que com o pulmão esquerdo cheio de ralas fui mandado transferir para o Limoeiro.

— Meu caro Luiz Telles, console-se com os prêsos republicanos do 28 de janeiro: só bebiam *champagne*, coitadinhos! imagine a sêde que elles haviam de ter quando foram restituídos á liberdade ao fim de quatro dias!... E vamos a saber que resultado lhes deu a elles a sua prisão, n'essa cadeia de que extranho não tenha sido remettida photographia para a imprensa illustrada do estrangeiro?

— A minha prisão não lhes dera o resultado esperado. A minha serenidade desmascarára-lhe as ardilezas, porque, graças sejam dadas a Deus, elles, na sua grande maioria, são de uma ignorancia e de uma estupidez que chegam a causar piedade! E o povo, o nosso bom povo, em vez de correr a beijar as mãos dos tyrannos com pedestaes de lama, como elles julgaram, vinha á cadeia vêr o preso e principiava a deixar transparecer a raiva mal contida.

A minha remoção revestiu por isso um aspecto bellico. A' porta da cadeia esperava-me uma força de cavallaria, mas o povo — a despeito do esquadrão rodeou-me carinhosamente, os poucos assalariados que haviam dado morras á minha inesperada chegada emmudeceram e entre esse povo amigo fui até fóra da villa onde me esperava o meu carro. Despedi-me d'esses bons e leaes lavradores, alguns dos quaes limpavam disfarçadamente os olhos e apertei entre as minhas essas honradas mãos acostumadas ao trabalho honesto. Houve apenas uma que ficou estendida sem que eu lhe tocasse: foi a do bilioso e rachitico administrador.

Depois, até á estação do Sabugal, 20 kilometros de estrada parecia o pae Theophilo, caminho de Belem, com o carro rodeado pela cavallaria, guarda avançada e sargento á estribeira. Na estação esperava-me uma escolta de infantaria que me acompanhou até ao Limoeiro.

Evocação dos horrores do Limoeiro.

— Tanta coisa para um homem só!

— Quanto mêdo e quanta concien-cia da propria fraqueza! Lá segui, na 3.^a classe com a escolta e com o apuposinho fraternal nas estações, até que dei entrada no Limoeiro á meia noite. O que era o Limoeiro já toda a gente sabe desde que se levantou a justissima campanha a favor de Antonio Ribas. Não insistirei por isso no que se apurou do inquerito. N'uma carta minha que publicaram então *As Novidades* relatei muitos casos de que fui testemunha; o velho mettido permanentemente no segredo; o que fazia o director Sanches de Miranda e o seu amigo chefe Flores; o Cigano com os dedos aleijados dos « anginhos », e o Ribas envenenado, cavallo

marinho aplicado aos presos no segredo, isso tudo é já do dominio publico.

Transferido para a Trafaria—Novos horrores—Elogio dos humildes.

—Mas percorreu ainda outras prisões?

—A Trafaria. Para fazermos a jornada, fomos transportados até ao Arsenal em carros cellulares; e, como havia poucos carros, metteram-nos a dois e dois em cada um d'aquelles pequenos cubiculos!

O presidio da Trafaria é um presidio penitenciario que estava condemnado medicamente pela suas condições de insalubridade. Está enterado de forma que é um poço em que as paredes escorrem continuamente agua que nem o sol póde secar um pouco pois que lh'o impedem os altos muros que o rodeiam. Eram então meus companheiros o dr. Carlos Garcia a quem devo o ter-me curado, Camillo Castello Branco, Motta Cardoso, Padre Avelino e muitos outros e, póde crer, todos dignos pela sua coragem de serem presos politicos. Ex-guarda municipaes, ex-policias, antigos soldados das fleiras todos elles, com as familias na miseria sem o auxilio dos seus braços, todos esses são dignos de admiração e de respeito. Esses, meu amigo, a quem a roda da fortuna obrigou a terem de sujeitar-se ao nojento rancho, esses a quem a sorte não deu uns mil reis para resistirem á miseria, esses que presos sabem os entes que lhes são queridos a braços com a miseria e com a fome, e tem o sagrado orgulho das suas convicções arreigado a ponto de não perderem a coragem, esses, e são todos os que tive por companheiros, são os verdadeiramente dignos do respeito e da admiração de todos os homens de bem de todo o mundo.

Tenho pena de não lhe poder dizer o nome de todos esses queridos companheiros. Queridos porque é bem certo que na adversidade se conhecem os verdadeiros caracteres e se conhecem as verdadeiras amizades.

Despedida commovente de um tuberculoso que sente approximar-se a morte.

—Era ou não doentia a Trafaria?

—Da Trafaria basta que lhe diga que metteram alli um tuberculoso, o expolicia Pinto, entre as quatro paredes humidas de uma cella. Estavamos sem assistencia medica. Valia-nos o dr. Carlos Garcia. Mas este bom companheiro não podia, com a sua sciencia, extinguir a humidade que matava a pouco e pouco o pobre doente. Esse pobre Pinto, sentindo-se morrer pediu os santos sacramentos. Quando o padre da Trafaria entrou para o ouvir em confissão, chegava tambem de Lisboa ordem para serem postos em Liberdade os padres de Almeida e Rio Secco. Entraram na cella do moribundo para se despedir d'elle até á eternidade, e elle, fazendo um grande esforço, sentou-se no leito para os poder abraçar cheio de alegria por os saber restituídos á vida e ao convivio dos seus, dizendo-lhes: «**Tenham sempre coragem e luctem sempre com fé! Vinguem-me, já que eu vou morrer**». E este valente rapaz lá foi morrer mezes depois no Limoeiro!!! Mais uma victima entre tantas!!! Mais uma lição de tantas e tão bellas que temos tido.

Curto raio de sol — Alguns mezes de liberdade — Segunda prisão.

Sobre um momento de emoção, breve como oração por alma d'um martyr, perguntamos:

— Como acabou para si a Trafaria?

— Uma bella manhã, em 7 de dezembro, fui posto em liberdade por falta de prova para me poderem pronunciar!! Dois mezes prêso por suspeitas e para investigações!! Tendo-me feito saber o tal governador da Guarda que não podia como os meus irmãos ir ao concelho do Sabugal, sob pena de nova prisão, vim para Lisboa advogar para o escriptorio d'essa figura em relevo na nossa advocacia e no nosso meio: o dr. Franco de Castro. Na honrosa companhia d'esse verdadeiro homem de character estive trabalhando, até que em 6 de julho de 1912 me prenderam novamente quando chegava á Guarda onde estava então minha mãe. Regressava então de Vizeu, tendo passado em Almeida, quando, ao chegar perto da Guarda, dois homens que estavam no meio da estrada me fizeram signal para parar. Delicadamente communicaram-me que « o sr. governador civil » precisava fallar-me. Não me ocorreu á ideia de que ia ser preso, calculando apenas que o automovel em que vinha tivesse que ir ao governo civil para alli verificarem o numero da matricula, a procedencia e o destino. Mal, o automovel parou em frente da esquadra que fica nos baixos do edificio do governo civil, surgiram como por emquanto vinte policias em volta de mim.

— E' assim que as auctoridades costumam prender os homens que temem.

— Sim, por cilada. Eu ia, como ando sempre que viajo, armado. Pelos labios das serviçaes auctoridades passou um inefavel sorriso de contentamento e de victoria. Era a primeira e tremenda prova de que eu era um conspirador. Mas um sorriso de compaixão me bailou na frente que fez tornar as contracções alvares dos meus captores n'um sorrzinho

bastante benevolo, quando lhes mostrei o bilhete de identidade com o sello em branco do ex-Procurador Geral da Corôa, em que claramente se achava consignado que eu poderia usar armas de fogo. A seguir revistaram-me conscienciosamente, não fosse eu trazer envolvido no cotão dos bolsos ou n'alguna costura qualquer importante mensagem ou ordem tremenda que fizesse tombar o regimen. Não tardou que o commissario de policia me interrogasse e mais tarde o proprio governador civil que como sempre é d'uso nos funcionarios da sua cathogoria, affirmava me detivera por pedido do administrador d'Almeida, como suspeito.

Um preso e um policia á procura de quem tome conta do detido — Manifestação macabra ao cadaver do tenente da armada Alberto Soares.

— Desassocegados somnos os da Republica! Sempre com o pesadêlo de conspiradores!...

— Preso como suspeito, como suspeito fui enviado para Lisboa acompanhado de um cabo de policia, boa pessoa, e attenciosa creatura apesar do pistolão que levava á cinta, com ordem de disparar caso eu ameaçasse fugir-lhe das garras. O pistolão não se disparou e nós fizemos a viagem como bons amigos, chegando a Lisboa ás duas horas e quarenta minutos do dia 10. Como ia ser entregue ao Ministro do Interior, andamos procurando este cavalheiro. Passavamos na rua Augusta justamente quando uma multidão apertada na rua de Santa Justa, em frente do hotel Francfort, soltava freneticos vivas entre estridentes salvas de palmas. Parei.

—Era uma manifestação a qual-quer figura *Superavit*?

—Ouça. Também supuz no primeiro momento que se tratava de uma d'essas tão vulgares e ôcas manifestações a algum dos ídolos da canalha, dentistas de feira, palavrosos e audazes em geral, cerebros ôcos e mal intencionados que conseguem fazer dos ignorantes, fallando-lhe ao sabor do egoísmo da ambição e da preguiça, instrumentos inconscientes da sua malvadez. Approximei-me. A' porta do hotel Francfort estava um carro de praça. A manifestação crescia de entusiasmo. Julguei que o *modesto* ídolo para evitar mais palavras e mais vivas se metterá n'um carro que parava. Enganára-me. Dentro do carro estava o cadáver do 1.º tenente da armada Alberto Soares, barbaramente assassinado, havia pouco, e que era conduzido para a morgue. Eram em frente do cadáver d'esse rapaz valente e leal que tão nobremente honrara sempre os seus galões, o que a poucos acontece, era em frente do cadáver d'esse homem covardemente assassinado, que estalejavam palmas, que vozeavam vivas entusiasticos! Era a um cadáver que se dirigiam as chufas que saiam das boccas immundas dos energúmenos que são o esteio do regimen republicano.

E o que é triste e bem característico é que perante a morte d'esse valente official, não houve um protesto da corporação a que elle pertencia e que honrara. Que tristeza, meu amigo!

—Tristeza causa tudo isto!... Sobre Alberto Soares!... E depois?

—Depois, o ministro do Interior, a quem fui entregue, mandou-me para o governador civil e este por sua vez despachou-me, com guarda á vista, para um gabinete da policia judiciaria, onde já estivera preso trinta e tantos dias o distincto engenheiro Ferreira de

Mesquita, e dois dias depois fui enviado para o grupo B do Limoeiro, onde fui encontrar antigos companheiros. No dia 25 appareceu ordem para acompanhar dois policias que me esperavam, e levaram-me para um estreito calabouço do governo civil onde estavam já tres presos politicos e um hespanhol preso por gatuno. A's oito horas da noite seguia, acompanhado pelos dois policias, para a estação do Rocio, onde tomamos o comboio correio para o Norte. Ia despachado para Braga. No dia 26 pela manhã era entregue ao general da Divisão. Este cavalheiro, sem duvida devido ás relações pessoasas que tinha commigo e com os meus e para alardear serviços á republica, mandou-me para o presidio de S. Barnabé.

O Presidio de S. Barnabé
—Scenas barbaras—Tentativa frustrada de fuzilamento de um menor que se chegava a uma fresta, com falta de ar.

—Para o alojarem melhor, ou porquê?

—Porque era ao tempo a peor das prisões que havia em Braga! São muito attenciosos estes *srs.* ex-monarchicos, republicanos pancistas, procurando alardear serviços, para comer. Vi depois, no Seculo, que este *sr.* declarava que não queria sair de Braga sem *liquidar todos os conspiradores!*

Ao commissario de policia, a quem não conhecia, devo o ter ido para a cadeia civil. Eu já disse, n'uma carta para o *Dia*, o que era essa penitenciaría de via reduzida onde os presos politicos estavam sob as ordens de um homem cumprindo sentença pela reincidencia de crime de homicidio frustrado, e onde estive 45 dias incommunicavel. Era então extensivo a todos os presos, n'essa divisão, o regi-

men de incommunicabilidade e houve presos, os do processo de Guimarães, que estiveram 80 dias incommunicaveis!!!

A sorte quiz que tão *ferrenho* republicano fosse transferido e, sob o commando do novo general, mais republicano talvez e não precisando alardear serviços, o regimen no presidio militar tornou-se mais humano e quasi todos os presos pedimos então, transferencia para alli.

E' bom que lhe diga o que era o presidio de S. Barnabé quando cheguei a Braga e o que foi até setembro de 1912.

— Diga, diga.

— Em cada pequeno quarto estava um prêso que não podia sahir sequer para os corredores nem fallar com pessoa alguma. Tinha na janella os vidros pintados a oleo e, no alto, uma fresta de 10 centímetros onde lhe era prohibido assomar. Um dia, porque um rapasito de 15 annos que se sentia asphyxiar assomou á pequena fresta, a sentinella cumprindo as ordens recebidas fez fogo. Quiz a sorte que a sentinella fosse um mau atirador e a bala passando a um centimetro da cabeça do preso foi cravar-se no tecto da prisão.

O mobiliario era uma enxerga, uma manta e um cantaro de barro!

Pelos buracos das fechaduras a soldadesca avinhada, insultava os presos e, a cada render de sentinellas, batia com as coronhas das espingardas nas portas para os não deixar dormir.

Como lhe disse estava então na cadeia civil.

Ali exigiam a cada preso que chegava tres mil reis sob pena de irem para o *segredo*!

Quando eram pobres regateava-se com elles para lhe extorquir o mais possivel.

— O Joaquim Oeiras já se queixou da mesma coisa.

Quem não tem dinheiro vae para o segredo!!!!

— Mas em Braga era peor. Olhe, ao sargento Lima, porque declarou que não tinha dinheiro, metteram-no no segredo! Vendo-se nesse buraco infecto o pobre rapaz declarou que apenas tinha comsigo 2\$400 reis, mas que os precisava para comer. Pois se quiz sahir do segredo teve que dar dois mil reis e sujeitar-se a comer o immundo rancho.

Um rapazito do Porto que tomára parte no assalto a Valença foi aggreddido covardemente por um preso commum e ainda por cima foi mettido no segredo. De outra aggressão feita a um preso de Vianna chegou a ir parte para juizo, o que de nada serviu. Emfim, para rematar, basta que lhe diga que um pobre desgraçado que para alli enterraram endoideceu, o que não impediu que lá continuasse!! Sabe, com certeza, do caso da Sr.^a D. Rosa Dias, uma velhinha de 73 annos, pela minha carta para o *Dia*.

A fuga do Presidio — O exilio — Desilludido.

— E' o beijinho do tratamento a prêsos, esse que a republica tem dado aos prisioneiros politicos.

— Quanto aos processos dos presos politicos sabe-se hoje por Homero e por Branco e Brito como eram formados. Olhe, eu fui preso por suspeito em Almeida, sou mandado para Braga e appareço accusado de alliciar em Lisboa um homem que estava na Argentina!!

— Conte-me a sua fuga.

— Eu já estava decidido a fugir da cadeia civil de Braga quando fui transferido para o presidio militar de S. Barnabé. Eu sabia que não tinham provas para me condemnarem e por

isso protelavam o meu julgamento, mas também sabia que uma vez absolvido arranjariam novo pretexto para me prender de novo. Assim, transferido para o presídio militar, principiei a estudar o meio de me pôr a salvo das garras republicanas.

Em meados de Janeiro estava tudo preparado. Tínhamos então que arrombar umas portas para o que já tínhamos os precisos apetrechos. Faltou-nos, porém, na noite combinada o automovel que nos devia levar á fronteira. Ficou adiada por isso a fuga. Uma manhã o sargento Lima apresenta-me um rapaz, soldado do 29, que estáva prompto a auxiliar-nos. Mudei então de tática e aproveitando uma noite em que esse soldado estava de sentinella á porta das armas, saímos, serenos e pacatamente, como officiaes que tivessem ido passar um bocado da noite com o collega que estava de serviço. Assim, o rapaz que nos auxiliou fez-nos a continencia quando chegamos á porta das armas, e o pobre laieta que estava fazendo sentinella na rua, imitou-o. Fóra de Braga estava um automovel que nos esperava. Cheguei eu com um outro preso ao sitio combinado. Pouco depois chegou o soldado que arranjára um pretexto para que outro lhe acabasse o quarto de sentinella. O sargento Lima é que não apparecia! Tinha sido o primeiro a sair da cadeia e já ia uma hora decorrida sem que elle apparecesse!! Calcula a nossa afflicção! Esperar? E se tivesse sido prêso? Cada sombra na estrada nos parecia elle. Uma hora decorrida quan-

do estavamos já para partir appareceu o Lima! Tinha-se perdido em Braga! E por fim vendo que não acertava com o caminho a seguir dirige-se afoitamente a um policia a quem conta a historia de uma entrevista amorosa com a competente *cita* e é o policia que lhe vae ensinar o caminho bem longe de que dava fuga a um preso!! Já não pudemos passar em Vianna do Castello em automovel, como calculavamos, pois que fomos avisados de que a ponte estava guardada por carbonarios e a policia de prevenção.

Soubemos mais tarde que um companheiro de prisão dera pela nossa falta uma hora depois de fugirmos e nos denunciára. Impossibilitados de continuar em automovel, mettemos a monte. Estavamos a muitas leguas da fronteira. E oito dias, meu amigo, andamos pelas serras tendo então bem a prova de que *o nosso povo é republicano*. A 19 de fevereiro de 1913, ao anoitecer, depois de uma marcha de nove horas, atravessamos a fronteira e a impressão que senti, meu amigo, não se descreve. E' um mixto de alegria e dôr. Alegria pela liberdade conquistada, dôr por vermos que tivemos de ir procura-la a uma terra ex-tranha.

— Conheço essa impressão de centenas de homens m'a terem descripto. E depois, no exilio?

— No exilio tive ainda muitas illu-sões, muito entusiasmo, mas... desde agosto passado que estou alheio a tudo isso e trabalho para ganhar a vida.

